

mortos. 12 Não que já a tenha alcançado, nem que eu tenha obtido a perfeição, mas sigo em frente (para ver) se posso também alcançar aquilo para o qual eu mesmo fui alcançado por Cristo Jesus. 13 Irmãos, não creio que eu mesmo já o tenha alcançado; porém, uma coisa (faço), esquecendo o que para trás fica, e avançando ardorosamente para o que jaz adiante, 14 prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação celestial de Deus em Cristo Jesus. 15 Conseqüentemente, tantos quantos somos maduros, continuemos a ter em mente este mesmo propósito; e se em algum ponto de menor importância vocês são de parecer diferente, Deus lhes esclarecerá isso também. 16 Tão-só que nossa conduta seja consistente com o nível que já tivermos alcançado.

3.4-16

II. *O Exemplo de Paulo como Argumento contra os Judaizantes*

A. Eu, Paulo, o judeu, desfrutava das seguintes “vantagens”

(1) Eu, não eles (pelo menos não no mesmo grau)

(2) *O que meus pais me deram*

a. Circuncisão

“circuncidado ao oitavo dia”

b, c, d. Nobre nascimento

“do povo de Israel”

“da tribo de Benjamim”

“hebreu de hebreus”

(3) *O que eu alcancei por meus próprios esforços*

e. Reconhecimento como fariseu

“quanto à lei, fariseu”

f. Zelo

“quanto ao zelo, perseguidor da igreja”

g. Retidão legal

“quanto à justiça legal, irrepreensível”

3.4-6

A. *Eu, Paulo, o Judeu, Desfrutava das seguintes “vantagens”*

(1) *Eu, não eles* (pelo menos não no mesmo grau)

4. Por meio de um notável argumento, extraído de sua própria experiência, o apóstolo a si mesmo se apresenta como sendo, pela graça

de Deus, exemplo (Fp 3.17) de um autêntico servo de Deus, em contraste com aqueles que depositavam sua confiança na carne. Ele escreve: **Ainda que eu mesmo tenha razão para confiar¹³⁰ até mesmo na carne.** Paulo enfatiza o “eu mesmo” (ainda mais que os judaizantes). Ele não podia propriamente dizer: “nós mesmos”, pois ainda que a confiança em Cristo só seja a experiência genuína de todo servo real de Deus, particularmente, o que o apóstolo a seguir vai relatar (nos vs. 4-7) pertencia exclusivamente a ele, não literalmente a todos os cristãos ou a todos os membros da igreja de Filipos, de Roma ou de qualquer outro lugar. Ora, ao escrever que ele mesmo *poderia confiar na carne*, não significa que, depois de tudo, ele considere as vantagens cerimoniais e hereditárias, bem como os lucros pessoais, como de algum valor *salvífico*. Ao contrário, ele quer dizer que, se este era realmente o caso, então ele mesmo, ainda mais que os judaizantes, teria razão em tê-las como base de confiança. Isso está de acordo com sua própria explicação, a saber: **Se algum outro imagina ter razão para confiança na carne, eu (tenho) mais.** Pode-se formular a seguinte pergunta: “Se Paulo, porém, não atribui nenhum mérito salvífico a essas distinções judaicas, por que, pois, nos oferece uma relação de privilégios especiais que ele, como judeu, havia desfrutado?” Duas razões se nos apresentam imediatamente. E realmente o faz:

a. Para responder a esta possível acusação: “Paulo está desvalorizando privilégios aos quais ele não pode ter direito. Minimiza-os porque ele nunca os possuiu e não pode adquiri-los. As uvas estão azedas. Essa possível acusação está respondida nos versículos 5 e 6.

b. Para refutar o argumento dos judaizantes de que há valor salvífico nessas distinções. O apóstolo mostra em seguida, com base em sua própria experiência, que o que ele considerava lucro se lhe transformou em perda. Isso está expresso nos versículos 7-11.

Com referência ao item *a.* o apóstolo mostra que, se os judaizantes apresentam sua lista de vantagens especiais e a comparam com a lista dele, então ele, seguindo o “tolo” argumento deles, se ergue como ven-

130. *πεποίθησις*, acc. -ν, não é usado aqui num sentido de *confiança subjetiva* (como em 2Co 1.15; Ef 3.12), mas como *base* de confiança, como o indica claramente o contexto. De forma parecida, na linha seguinte, *πεποιθέναι*, que é o segundo infinitivo ativo em tempo perfeito de *περίθω*, significa ter *motivo* de confiança. Compare o uso de *ἐλπίς* e *χαρά* em 1 Tessalonicenses 2.19. O emprego de palavras tais como *confiança*, *esperança*, *alegria*, em sentido causal de sentimento, é encontrado em muitos idiomas.

cedor nesta competição. Sobre essa base o apóstolo tem direito de falar, por ser ele, em todos os sentidos, um judeu autêntico.

É nesse sentido que o apóstolo apresenta então suas credenciais. Embora nos detalhes, a lista que aparece aqui no todo é substancialmente diferente daquela de 2 Coríntios 11.22-33. Não obstante, *o argumento* é o mesmo, a saber: “Se porventura, há motivo para vanglória, então eu também me cedo a ela” (2Co 11.21). E assim chegamos à lista que Paulo nos apresenta em Filipenses 3.5,6 com seus sete itens.

(2) *O que meus pais me deram*

5,6. circuncidado ao oitavo dia. A razão por que o apóstolo menciona a circuncisão antes mesmo de dar quaisquer detalhes com respeito à sua linhagem, provavelmente seja porque era este mesmo rito aquele pelo qual os judaizantes mais disputavam. “Com respeito à circuncisão, sou do oitavo dia”,¹³¹ escreve Paulo. Isto estava em estrita concordância com a lei (Gn 17.12; Lv 12.3). Isaque foi circuncidado quando completou oito dias (Gn 21.4);¹³² assim também aconteceu a Jesus (Lc 2.21). No entanto, provavelmente o mesmo não pudesse ser dito acerca dos judaizantes. Com toda probabilidade, *alguns* deles eram prosélitos vindos do mundo gentílico e, como resultado, não foram circuncidados ao oitavo dia, senão depois de adultos. Nesse sentido, pois, Paulo os excedia, ou seja, *se* a circuncisão segundo a lei era de alguma vantagem.

Do povo de Israel. Seus pais não pertenciam a uma raça mista, como era o caso de muitos povos que viviam na Palestina naquele tempo, nem tinham sido incorporados a Israel. Paulo era um descendente direto não só de Abraão (os ismaelitas eram também descendentes de Abraão), nem de Abraão e de Isaque (os edomitas o eram igualmente), mas de Abraão, de Isaque e *de Jacó*. Foi a Jacó, depois de sua luta com Deus, que Deus mesmo deu o novo e significativo nome de *Israel* (Gn 32.28). Paulo era descendente justamente desse mesmo Israel. Ele pertencia, pois, ao povo eleito, o povo do concerto, o povo exclusivamente privilegiado (Êx 19.5,6; Nm 23.9; Sl 147.19,20; Am 3.2; Rm 3.1,2; 9.4,5). Porventura os judaizantes podiam com justiça reivindicar tal pureza genealógica para cada um de *per si*?

131. Conferir João 11.39: “Senhor, já cheira mal, porque é de quatro dias.” Em tais casos, aplique-se ao grego o número ordinal para pessoa.

132. Ismael e os ismaelitas na idade de três anos (cf. Gn 17.25).

Da tribo de Benjamim. Por que Paulo faz tal menção? Segundo alguns comentaristas, por razões como estas: os benjamitas se constituíam na elite de Israel, em sua mais elevada aristocracia. Essa tribo não ocupou sempre um lugar de destaque e de honra nas batalhas de Israel (Jz 5.14; Os 5.8)? Portanto, essa tribo produziu “setecentos homens escolhidos, canhotos, os quais atiravam com a funda uma pedra num cabelo e não erravam” (Jz 20.16); também “foram homens valentes, flecheiros” (1Cr 8.40). Esses intérpretes acrescentam que o primeiro rei de Israel era um benjamita (1Sm 9.1,2). Segundo J. B. Lightfoot, em Atos 13.21 Paulo se refere ao rei Saul, “com marcante ênfase”. Porventura, o apóstolo não recebeu seu nome hebreu desse mesmo rei?¹³³ Diz-se também que a tribo de Benjamim foi a única, entre todas as tribos de Israel, a permanecer sempre leal à dinastia davídica. Benjamim foi a nobilíssima e a mais ilustre de todas as tribos de Israel!

Todavia, temo que a projeção desta cena esteja um tanto desenfocada em virtude de uma exegese pouco criteriosa. É correto dizer que Juízes 5.14 e Oséias 5.8, em seus respectivos contextos, provam que esta tribo sempre sustentou o lugar de honra nas batalhas de Israel? É duvidoso, para dizer o mínimo, que Paulo, ao fazer, com orgulho, referência à sua descendência de Benjamim, estivesse pensando em Eúde e nos demais “canhotos” (Jz 3.15; 20.16); ou nos flecheiros. Quanto ao primeiro rei de Israel, ele foi uma pessoa de quem qualquer judeu piedoso dificilmente podia se orgulhar (ver 1Sm 15.10,11,23; 28.15-19).¹³⁴ Eu creio que Lightfoot está equivocado em sua interpretação de Atos 13.21, e que Lenski está certo quando declara que não foi motivo de orgulho que levou Paulo a fazer menção do rei Saul. Finalmente, no que se refere à imutável lealdade dessa tribo ao rei Davi, o fato é que, depois da morte de Saul, Benjamim se submeteu relutantemente a Davi (ler 2Sm 2 e 3). No cisma, que dividiu o reino, a tribo de Judá foi a única que permaneceu unanimemente fiel à casa de Davi, e não a de Benjamim, que seguiu a casa de Davi parcialmente (ver 1Rs 11.32; 12.20).

O pródigo louvor dispensado a Benjamim não só está destoado da

133. Para uma discussão dos nomes do apóstolo, ver C.N.T. sobre 1 e 2 Tessalonicenses, Introdução.

134. Davi, em 2 Samuel 1.23, se mostra muito magnânimo.

história e da exegese, senão que outros fatos, bem estabelecidos e registrados, com referência a esta tribo estão sendo convenientemente ignorados. Não foi mencionado, por exemplo, o fato de que foi precisamente nessa mesma tribo de Benjamim que se cometeu uma grande atrocidade, e que se descreveu com certos detalhes (Jz 19.22-26). Quando as demais tribos exigiram castigo para os ímpios infratores, o pedido foi rejeitado, e em consequência a tribo culpada recebeu terrível retribuição (Jz 20.35). Então aconteceu o seqüestro de Silo (Jz 21.20,21)! Seguramente, havia uma solução mais honrosa para o problema da escassez de mulheres do que o terrível recurso empregado pelos benjamitas; ainda que, em honra da mais completa objetividade, tenhamos que concordar que foram aconselhados pelas outras tribos. Finalmente, temos o caso de Simei, que amaldiçoou e lançou pedras em Davi, o ungido de Deus. Esse tipo profano era também um benjamita (2Sm 16.5-14). Ele se arrependeu, pelo menos exteriormente (2Sm 19.16-20). Subseqüentemente, contudo, ele fracassou em guardar seu juramento a Yahweh, e foi morto (1Rs 2.36-46).

Se, pois, é um fato que a tribo de Benjamim apresenta tal misto de luz e sombra, virtude e vício, mais freqüentemente predominando o último, por que Paulo, em sua condição pré-cristã, se sente tão orgulhoso em ser um benjamita, e aqui faz referência à sua tribo (e em ocasião ainda posterior, Rm 11.1)? A resposta provável é como segue: Israel, como um povo teocrático, era receptor das promessas especiais de Deus. Assim, pois, quanto mais pudesse Paulo provar, convincentemente, a proposição: “Eu sou, de veras, um israelita”, tanto mais inevitável seria a conclusão: “Portanto, eu sou uma pessoa tão israelita quanto foi Benjamim.”

Se a circunstância de que Benjamim foi o único filho de Israel que nasceu na terra prometida (Gn 35.16-20) teve ou não, aqui, alguma particular intenção seria muito difícil de se estabelecer. Os seguintes fatos, porém, são certamente significativos. Primeiramente, em parceria com José, mas em distinção dos demais patriarcas, Benjamim foi não apenas um filho de Israel, mas o filho mais amado de Raquel, esposa de Israel (Gn 35.17,18). Em segundo lugar, desses dois filhos favoritos (José e Benjamim), Benjamim foi o único (pelo menos parte de sua tribo) que, juntamente com Judá, depois do cisma, formou o *Israel Reconstituído* (1Rs 12.21); após o retorno do cativo, o *Israel*

Restaurado (Ed 4.1);¹³⁵ e que, em conexão com a trama de Hamã, foi o agente principal de Deus para produzir o *Israel Libertado* (ver o livro de Ester). Entretanto, ao pensar na tribo de Benjamim, não seria justo mencionar Simei e ignorar um outro benjamita – Mordecai. Foi ele quem encorajou Ester a realizar um grande feito de fé e coragem, e que nos deixou aquela maravilhosa expressão: “Porque, se de todo você se calar agora, de outra parte se levantará para os judeus socorro e livramento, mas você e a casa de seu pai perecerão; e quem sabe se para tal conjuntura como esta é que você foi elevada a rainha?” (Et 4.14).

Portanto, eis a conclusão: Se a distinção especial de ser um israelita era de algum valor salvífico, de algum mérito para a eternidade, então Paulo tinha direito a isso, porque, como benjamita, ele era um dos mais autênticos israelitas. Poderiam os judaizantes dizer o mesmo? Sim, Paulo era “da tribo de Benjamim”, portanto

Hebreu de hebreus. De fato Paulo era um hebreu, ou seja, um israelita.¹³⁶ Ele era de fato “hebreu de hebreus”, ou seja, “o mais puro dos puros”. A expressão idiomática enfatiza pelo menos¹³⁷ a pureza de sua linhagem: Hebreu, filho de pais hebreus; portanto, definitivamente um hebreu, um hebreu como nenhum outro! Dessa forma, Paulo enfatiza o que já estava implícito no precedente. Está confirmando seu argumento.

135. Nem todos os que regressavam pertenciam a Judá e Benjamim, porém estas duas tribos foram as que formaram o núcleo principal.

136. O mesmo Paulo emprega os termos hebreus, israelitas e semente de Abraão como sinônimos (2Co 11.22). No AT, a palavra *hebreu* aparece tanto num sentido amplo quanto restrito. Muito tempo antes que Israel (Jacó) nascesse, já havia hebreus; por exemplo, Abraão (Gn 14.13; cf. 40.15; 43.32). Segundo alguns, Abraão era hebreu porque descendia de Héber (Gn 10.21,24,25). Outros são de opinião que o nome hebreu faz referência a um verbo que significa passar para o outro lado. Segundo essa teoria, os hebreus são o povo do outro lado do Eufrates (cf. Js 24.2). Em um sentido mais restrito, os hebreus são os descendentes de Israel (Êx 1.15; 2.6,11,13; 3.18; 21.2; Dt 15.12; 1Sm 4.6,9).

137. Muitos são de opinião que a frase “hebreu de hebreus” chama também a atenção para o fato de que o apóstolo era judeu não apenas em um sentido social, mas também em um sentido de linguagem e costumes. Acreditam que aqui se aplica a distinção (ver At 6.1) entre os helenistas (judeus de fala grega) e os hebreus (judeus de fala aramaica). Paulo não era helenista, e sim hebreu de pais hebreus. O apóstolo falava essa língua com desenvoltura (At 21.40; 22.2), pois aprendeu de um mestre hebreu de Jerusalém (At 22.3), e com frequência cita o AT hebraico. Deve-se admitir a possibilidade de que o apóstolo tivesse em mente esta idéia adicional quando se denominou de “hebreu dos hebreus”. A despeito de tudo, de acordo com os mais antigos comentaristas gregos, creio que a explicação que dou provavelmente seja tudo o que o presente contexto requer. Ver H. A. H. Kennedym *The Epistle to the Philippians*, em *The Expositor's Greek Testament*, Vol. III, p. 451.

(3) *O que alcancei através de meus próprios esforços*

Quanto à lei, fariseu. Com referência à lei de Moisés, Paulo havia escolhido ser fariseu. Não era ele filho de fariseu (At 23.6)?¹³⁸ E aqui reflete como em seu período pré-cristão ele se orgulhava desse fato, ou seja, de sua posição e honra como fariseu. Na religião dos judeus, ele se avantajava a muitos de seus compatriotas da mesma idade, e era extremamente zeloso das tradições de seus pais (Gl 1.14). “Porque vivi fariseu, a seita mais severa de nossa religião” (At 26.5).

Entretanto, como poderia um judeu se orgulhar de ser fariseu? Jesus não descreve os fariseus em linguagem tal que os declara como hipócritas e presunçosos (Mt 6.2,16; 23.5-7), como néscios e cegos (Mt 23.16-22), como serpentes e raça de víboras (Mt 23.33), como sepulcros caiados e hipócritas (Mt 23.3,13,15,23,25,27,29)? Não eram eles tremendamente invejosos (Mt 27.18)?

Tudo isso é verdade, porém, nem todos os fariseus eram igualmente maus. No entanto, o farisaísmo, em suas origens, não era tão ruim como veio a se tornar mais tarde. Essa facção religiosa se originou durante o período intertestamentário em reação aos excessos dos judeus negligentes e indiferentes que se imbuíram do espírito helenista em seus aspectos insípidos. Assim, os fariseus ou separatistas vieram a separar-se dessas pessoas mundanas. Abstinham-se também da política e punham forte ênfase na pureza religiosa. Aceitavam a Torah por inteiro, bem como as doutrinas da imortalidade da alma, da ressurreição do corpo e da existência de anjos. Não eram patriotas como os zelotes, nem radicais como os saduceus e nem políticos como os herodianos. Sua alta consideração pela Lei de Deus é digna de admiração. Isso explica o orgulho pré-cristão de Paulo expresso nas palavras “quanto à lei, fariseu”. Os fariseus cometeram seu maior equívoco quando passaram a dar excessivo valor ao sistema legalista de interpretação que os escribas impuseram à lei, sepultando-a sob o peso de suas tradições (cf. Mc 7.13), e quando passaram a crer que, pela simples adesão à lei, assim interpretada, poderiam causar a vinda do Messias e assegurar para si a entrada no reino do céu. Naturalmente que a tentativa para se conseguir tudo isso requeria um esforço grande demais para a natureza humana. Contudo, não se deve estranhar que muitos deles se tornas-

138. Ou, segundo outra tradução, de um fariseu.

sem hipócritas, alguns piores que outros, e, movidos por sua auto-justiça, olhavam com desdém para o populacho, “a multidão ignorante da lei” (ver C. N. T., sobre Jo 7.49). Ora, Paulo teria sido um dos melhores fariseus (cf. At 26.9), mas, a despeito de tudo, era um iludido.

Quanto ao zelo, perseguidor da igreja. Paulo foi um dos mais amargos e cruéis perseguidores dos cristãos primitivos. Em seu zelo pela lei, mal interpretada pelos escribas e fariseus (Mt 23.23), respirava ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, a saber, a “igreja” em seu sentido ecumênico, executando seu programa de perturbação “até mesmo nas cidades estrangeiras”, “prendendo e metendo no cárcere tanto homens como mulheres” (At 9.1,2; 22.1-5; 26.9-15; 1Co 15.9). Se o zelo perseguidor pudesse ter aberto as portas do céu, Paulo teria tido uma entrada direta! Aqui também sua “vantagem” sobre os judaizantes era grande. *Esses* eram meros prosélitos. *Ele* fora perseguidor “até à morte”.

Quanto à justiça legal, tendo me tornado irrepreensível. Paulo fora tão austero em sua observância externa da lei do Antigo Testamento, tal como interpretada pelos líderes religiosos do judaísmo, que, em perseguição dessa retidão legal, chegou a ser *irrepreensível* (cf. Fp 2.15), isto é, segundo o juízo *humano*. Sua conduta externa fora irrepreensível. Os judaizantes poderiam alegar o mesmo acerca de si próprios? Ou, de certo modo, Mateus 23.3,4 *lhes* era também aplicável?

3.7,8a

B. *Eu Rejeitei Essas Vantagens como Base de Minha Retidão Diante de Deus*

7,8a. Nos dois versículos precedentes, Paulo enumera suas principais e grandes vantagens como genuíno israelita, de nobre nascimento, ortodoxo em sua crença e escrupuloso em sua conduta. Por meio dessas vantagens, o apóstolo, antes de sua conversão, “daria seu sangue para chegar a Deus”. No entanto, não tinha sido um caso de

“Ganhar um apoio, pedaço a pedaço,
E então escorregar para trás e perder-se”?

Pior ainda, pois jamais houve de fato qualquer progresso real, não importa o quanto Paulo, o fariseu, se esforçasse para estabelecer sua própria retidão. No caminho de Damasco, porém, em perseguição aos

cristãos, algo grandioso aconteceu, mudando completamente toda sua vida. Cristo, por assim dizer, desceu as escadarias para encontrá-lo (ler o interessante relato em At 9.1-31; 22.1-21; 26.1-23). Num relance, Saulo se viu como na realidade ele era: pecador iludido, orgulhoso, condenado. Ali mesmo, Saulo abraçou aquele de quem até então fora um perseguidor implacável. Ele tornou-se uma “nova criatura”. Em sua mente e em seu coração experimentou uma mudança radical, uma súbita e dramática inversão de valores. A mesma causa que, com todos os meios a seu alcance, e com todo zelo de seu coração e vontade, havia tentado extirpar, tornou-se para ele algo extremamente querido. E aquelas coisas que a Paulo, o fariseu, pareciam muito preciosas se tornaram também, naquele momento – e continuaram a ser assim consideradas –, inúteis a Paulo, o pecador, salvo pela graça; não meramente inúteis, mas definitivamente nocivas. Paulo escreve: **Não obstante, tais coisas que uma vez para mim foram ganhos, as considereí perda.** Não que algumas dessas coisas enumeradas nos versículos 5 e 6, e assim outras coisas semelhantes, eram más em si mesmas. Justamente o contrário. Receber o sinal da aliança não é mau em si mesmo. Na verdade, é uma bênção. E não era uma bênção pertencer ao povo ao qual foram confiados os oráculos de Deus? A ortodoxia também, em si mesma, é uma boa coisa. Da mesma forma, o zelo e a conduta irrepreensíveis. Paulo mesmo nos informa em outra parte que considerava coisas como essas uma verdadeira bênção (Rm 3.1,2; 9.1-5; cf. 11.1). São bênçãos porque podem ser de inestimável valor se utilizadas de maneira apropriada, isto é, como preparativo para a recepção do evangelho. Quando, porém, essas mesmas coisas começam a ser vistas como base de auto-satisfação e de auto-glorificação; quando elas são consideradas como bilhete de ingresso ao céu, então se convertem em adversárias. Todos esses lucros se convertem em grande perda. Este é o sereno e ponderado juízo de Paulo. Ele ponderou a vantagem e a considerou como perda.¹³⁹ E nesse juízo ele persistiu, como está implícito no tempo verbal em grego. Em seu livro de contabilidade, essas coisas

139. Compare “estimei” (pretérito perfeito) aqui com “não estimou” (ou não considerou), da passagem 2.6. O verbo expressa a idéia de chegar a um correto juízo baseado num cuidadoso exame dos fatos. Conferir Filipenses 2.3. A semelhança entre 3.7 e 2.6 é de fato surpreendente. Cristo “*não levou em conta* sua existência na forma de igualdade a Deus como algo a que tivesse que apegar-se, mas a si mesmo *se esvaziou*”. Este levar em conta e este esvaziar-se se refletem em Paulo que, tendo estimado como perda, por amor a Cristo, as coisas que para ele eram lucro, esvaziou-se, despojou-se de tudo (Fp. 3.8) para ganhar a Cristo.

que foram uma vez anotadas, uma a uma, na coluna do crédito; agora passaram para a coluna do *débito*, e se converteram numa gigantesca *perda*. Note que os lucros não apenas desceram a zero (0), mas que desceram abaixo de zero, ou seja, um colossal MENOS (–). “Pois, que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro e perder sua alma? O que dará o homem em troca de sua alma?” (Mt 16.26; cf. Mc 8.36).

A palavra *perda*, a qual Paulo usa aqui nos versículos 7 e 8, e em nenhuma outra parte de suas epístolas, ocorre em apenas outra passagem no Novo Testamento (At 27.10,21), na narrativa da viagem perigosa. E é exatamente essa mesma passagem que também indica como o lucro pode se reverter em perda. A mercadoria daquele navio, que navegava para a Itália, representava lucro potencial para os mercadores, para o proprietário e para os famintos do navio. Todavia, não fosse esse trigo lançado ao mar (At 27.38), muito provavelmente não só o navio, mas também todos os tripulantes acabariam em perda. Assim também a vantagem de se ter nascido num lar cristão e de se ter recebido uma maravilhosa e cristã educação doméstica, torna-se em desvantagem quando é considerada como base sobre a qual se constrói a esperança de vida eterna. O mesmo se pode dizer com respeito ao dinheiro, ao atrativo pessoal, à cultura, ao vigor físico, etc. Tais benefícios podem se reverter em entraves. Os degraus se transformarão em objetos de tropeço se forem usados erroneamente. Ante a pergunta: “Por que, no juízo criterioso de Paulo, esses lucros se reverteram em perda?”, a resposta é a seguinte: **Por amor a Cristo**. Porque, se Paulo não tivesse renunciado ao demasiado valor que atribuía a esses privilégios e empreendimentos, eles o teriam privado de Cristo, o único lucro real (ver v. 8).

Paulo prossegue com uma frase que é quase intraduzível:¹⁴⁰ **Sim**,

140. A frase começa com uma aglomeração de partículas: ἀλλὰ μὲν οὖν γὰρ καὶ. Como ocorre em todos os idiomas, quando o coração está profundamente comovido, e quando as idéias fluem à mente de forma turbulenta, a maneira de falar se condensa e se omitem algumas palavras. Com respeito ao estilo abreviado, ver C.N.T. sobre João 5.31. Literalmente, palavra por palavra, a tradução deveria começar assim: “Porém, pois bem, portanto, ainda mais”; mas isso, em nosso idioma, não teria muito sentido. Inserindo umas palavras aqui, outras ali, seria possível interpretar todo o sentido do original. E a construção seria mais ou menos assim: “Porém, pois bem (o dito não é tudo), portanto (eu afirmo), ainda mais (isto), que tudo tenho por perda, devido à excelência celeste de conhecer a Cristo Jesus, meu Senhor.” Tal coisa, porém, não só seria quase incompreensível, mas talvez até mesmo equivocado; é um ponto muito discutível se se deve traduzir γὰρ. Mais que por uma palavra, é possível ser expresso por meio de uma mudança de entonação. Espero que minha forma de verter a frase, no tocante ao nosso idioma, seja, se não mais literal, pelo menos mais natural.

ainda mais, certamente considero todas as coisas como mera perda por causa da inigualável excelência de conhecer a Cristo Jesus, meu Senhor.

No versículo 8 Paulo reforça sua declaração anterior, e isso de duas maneiras. Primeiro, ele sublinha o que já estava implícito no versículo precedente, isto é, que o que ele considerava perda no momento de sua conversão, continua considerando como tal. É como se ele quisesse dizer: “Sobre este assunto, nenhum judaizante será jamais capaz de mudar meu modo de pensar.” Em segundo lugar, afirma considerar como um prejuízo, um detrimento, não apenas as coisas mencionadas nos versículos 5 e 6, mas também as demais coisas que pudessem impedir uma plena aceitação de Cristo e sua justiça. Podemos incluir nelas o apreço exagerado pelas possessões materiais, o deleite em privar-se com os antigos amigos não-cristãos, a antecipação centrada nos sublimes privilégios enquanto era fariseu, etc. Todas essas coisas e muitas outras não são nada senão pura perda *por causa de* – daí também *em comparação com* – a excelência celeste,¹⁴¹ ou seja, o supremo valor de “conhecer a Cristo Jesus¹⁴² ... Senhor”. No caminho de Damasco, Paulo aprendeu a conhecer Jesus. Ainda que já havia uma ampla base para esse conhecimento – tal como a preparação de Paulo no Antigo Testamento, os testemunhos que ele ouvira dos lábios dos mártires, seu comportamento sob o fogo –, quando irrompeu em sua alma, a experiência foi repentina e dramática. A profecia e o testemunho começaram a adquirir sentido agora. Uma experiência inesquecível foi aquela do encontro com o Cristo exaltado, enquanto que, um momento antes, o apóstolo respirava ainda ameaças e morte contra a igreja de Cristo, portanto, contra o próprio Cristo! Sim, ele agora ouve e vê pessoal e realmente a Jesus, sobre quem tanto ouvira falar. Agora, porém, ele o vê e o ouve como *Cristo Jesus ... Senhor*, o nome que está acima de todo nome (ver sobre 2.9-11). E, ao mesmo tempo, ele começa a

141. τὸ ὑπερέχον, neutro do participio presente de ὑπερέχω (ver também Fp 2.3; 4.7; Rm 13.1; 1Pe 2.13). Para o uso que Paulo faz de outros substantivados neutros, ver Romanos 2.4; 8.3; 9.22; 1 Coríntios 1.25. A expressão excelência celeste, ou seja, grandeza suprema, é uma supercombinação das muitas que o apóstolo faz. Ver o C.N.T. sobre as Epístolas Pastorais, 1 Timóteo 1.14. Temos também outro caso em Filipenses 4.7.

142. Literalmente “do conhecimento de Cristo Jesus”. Como é evidente à luz do versículo 10, quando o apóstolo diz: “Para o conhecer”, ele está pensando em Cristo Jesus não em sentido subjetivo, mas objetivo; portanto, e para evitar ambigüidade, deveria traduzir-se: “de conhecer a Cristo Jesus.”

entender algo da condescendente compaixão e ternura, do misericordioso e sublime coração de Cristo, e do amor derramado sobre ele, *Paulo, o amargo e cruel perseguidor!*

Tudo isso ocorrera uns trinta anos atrás. E durante o período que se interpõe entre a “Grande Experiência” e a composição desta epístola aos Filipenses, a alegria de conhecer a *Cristo Jesus ... Senhor*, com um conhecimento de mente e coração (ver sobre o v. 10), ia crescendo paulatinamente, de forma que cada dia brilhava com mais intensidade, beleza e vontade. Portanto, Paulo insere uma pequena palavra que faz ainda mais adorável “aquele belo Nome, aquele sublime Nome, aquele incomparável Nome” de Jesus. Ele diz: “Cristo Jesus, *meu* Senhor.” O que esse possessivo, *meu*, implica é mais bem explicado por Paulo mesmo. Ler Filipenses 1.21; 4.13; Romanos 7.24,25; 2 Coríntios 12.8-10; Gálatas 1.15,16; 2.20; 6.14; Efésios 5.1,2; Colossenses 3.1–4.6; 1 Timóteo 1.5,16; 2 Timóteo 1.12; 4.7,8. Segundo essas passagens, Cristo Jesus é muito mais que Exemplo e Amigo de Paulo. Ele é sua Vida, seu Amor, sua Força, sua Glória, sua Rocha, seu Galardoador e, especialmente aqui, seu Ungido Salvador e Soberano.

Assim como o nascer do sol apaga a luz das estrelas, e assim como a presença de uma pérola de grande valor apaga o brilho das demais gemas, assim também a comunhão com “Cristo Jesus, meu Senhor”, eclipsa o brilho de todas as coisas. É Cristo mesmo em quem Paulo está pensando, e não nesta ou naquela questão em torno de Cristo. O apóstolo está em completo acordo com o poeta que diz: “*Quem* (não o *quê*) mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra” (Sl 73.25). O apóstolo prossegue: **por quem sofri a perda de todas essas coisas.**¹⁴³ Foi por causa de seu Senhor que Paulo perdeu tudo o que lhe era mais querido: o orgulho de sua tradição, de sua linhagem, de sua ortodoxia, de sua observância externa da lei, de tudo quanto anteriormente fora considerado como meios de acesso à cidade celestial. Além disso, sua voluntariedade em suportar essa perda não foi alterada. Por isso, ele prossegue: **e ainda continuo considerando-as como refugo.** O que os judaizantes têm em tão alta conta, o apóstolo considera ser de nenhum préstimo, senão como *refugo*, como algo que só servia para ser lançado *aos cães*.¹⁴⁴ O apóstolo é muito consistente.

143. τὰ πάντα em sentido resumido, como em 2 Coríntios 4.15 e Colossenses 3.8; portanto, “todas essas coisas”.

144. Efetivamente, isso pode ser a mesma derivação da palavra σκύβαλον plural -α. Alguns

Porventura, há pouco não denominara de *cães* (ver 3.2) a esses perigosos inimigos? Paulo, pois, considera todos esses privilégios herdados e esses feitos humanos, *considerados como méritos*, como algo que deve ser descartado, como refugio sem valor, como entulho abominável.

3.8b-11

C. *Eu agora confio em outra justiça*

- (1) Uma justiça que é a de Cristo.
- (2) Uma justiça não merecida por realizações humanas ou por obras da lei.
- (3) Uma justiça só apropriada pela fé.
- (4) Uma justiça que procede de Deus.
- (5) Uma justiça que luta pela perfeição espiritual.

(1) *Uma justiça que é a de Cristo*

8b,9a. “E as considero como refugio”, diz Paulo, **a fim de que eu possa ganhar a Cristo, e ser achado nele.**¹⁴⁵ Paulo deseja fazer com que Cristo seja mais e mais plenamente seu. Enquanto uma pessoa se conserva apegada à sua própria justiça, mesmo num grau ínfimo, ela jamais desfrutará da plena justiça de Cristo. As duas não podem, de modo algum, andar juntas. É necessário que uma seja plenamente *renunciada* antes que a outra seja plenamente *possuída*. O grande alvo de Paulo é que, ao ser observado pelos irmãos na fé, seja *encontrado*

dizem que provém de τὸ τοῖς κυσὶ βαλλόμενον (o que se lança aos cães). Outros, todavia, o relacionam com σκῶρ: *esterco, estrume*. Ainda que algumas autoridades apóiem o significado de *esterco*, aqui em Filipenses 3.8, o que pode ser correto, não obstante a conotação *lixo, refugio*, é bem justificada. Conferir Eclesiástico 27.5: “Cirandando a peneira ficam as escórias” (ou refugos); Josefo, *Jewish War* V.571: “Comera as sobras (ou refugos) daquilo”; e Filo, *The Sacrifice of Abel and Cain* 109: “A escória e a palha e outros refugos foram separados.”

145. Aqui, a construção mais simples e natural parece ser aquela que levasse a frase κερδήσω καὶ εὑρεθῶ a depender do verbo precedente mais próximo, ou seja, o segundo ἡγοῦμαι, do versículo 8, presente médio do indicativo. As palavras κερδήσω καὶ εὑρεθῶ declarariam, então, o propósito ou motivo desse ato contínuo, ou seja, “a fim de poder ganhar a Cristo e ser achado nele”; ora, ganhar a Cristo, logicamente, é uma atividade que dura a vida inteira. Cada dia que passa Cristo estará ainda mais intimamente unido ao crente, e este muito mais unido a Cristo. O fato de se empregar o aoristo subjuntivo para expressar esse propósito ou motivo, de modo algum descarta a duração do processo. O aoristo menciona o fato simplesmente, sem especificar o elemento *tempo*, se longo ou curto. É como “a fotografia tirada com um flash”. Da mesma maneira, e posto que o aoristo é propriamente indefinido quanto ao tempo, e o subjuntivo “ser futuro em relação ao que fala”, a interpretação que dou, dessa passagem, de acordo com muitos outros intérpretes, não contradiz a gramática. Porquanto não posso aceitar o raciocínio de Lenski em seu comentário, p. 846ss.